

SABOR, ESTÉTICA E POESIA: O HABITAR RIBEIRINHO NA AMAZÔNIA-MARAJOARA (PA)

Flavor, aesthetics and poetry: the habitar ribeirinho in Amazônia-marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva¹

RESUMO

Sabor, estética e poesia – são estas as dimensões essenciais que irão nos guiar para uma fenomenologia da experiência ribeirinha. Esta pesquisa tem como fonte empírica uma comunidade ribeirinha pertencente ao município de Muaná, oficialmente mesorregião do Marajó (Pará). Trata-se de uma pesquisa desimpedida que busca mergulhar na geograficidade de sujeitos que compartilham seu modo ser com o devir temporal da natureza física, manifestada na paisagem. Para este mergulho, utiliza-se da fenomenologia existencialista como recurso que nos possibilita pensar, de forma crítica e criativa, a geografia ribeirinha para além do caráter economicista e positivista, demonstrando como o ser ribeirinho maneja sua existência numa relação visceral com a Terra em suas experiências cotidianas, de onde emana sabor, poesia e um modo próprio de ser-e-estar-no-mundo.

Palavras-chave: Linguagem poética. Geograficidade. Comunidade ribeirinha.

ABSTRACT

Flavor, aesthetics and poetry - these are the essential dimensions that will guide us towards a phenomenology of riverine experience. This research has as an empirical source a riverine community belonging to the municipality of Muaná, officially *mesorregião do Marajó* (Pará). It is an unimpeded research that seeks to delve into the geography of subjects who share their way with the temporal becoming of the physical nature manifested in the landscape. For this dive, existentialist phenomenology is used as a resource that allows us to think critically and creatively the riverside geography beyond the economicist and positivist character, demonstrating how the riverine being manages its existence in a visceral relationship with the Earth in its experiences, from which emanates taste, poetry and a proper way of being-and-be-in-the-world.

Keywords: Poetic language. Geograficity. Riverside community.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Licenciado Pleno em Geografia pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professor da Anhanguera na modalidade EaD. felipekevin.geografia@gmail.com.

✉ Passagem Padre Luís Varela, 339, Centro, Abaetetuba, PA. 68440-000.



INICIANDO A REFLEXÃO...

"Em nenhuma outra região o rio assume tanta importância fisiográfica e humana como na Amazônia, onde tudo parece viver e definir-se em função das águas: a terra, o homem, a história. Aqui, mais do que em qualquer outra parte, será acertado dizer que o rio condiciona e dirige a vida."
Eidorfe Moreira (1990)

Não sei muito bem como fui me apaixonar pela pesquisa; não tenho a mínima ideia do quanto amo as comunidades ribeirinhas e do quanto elas me fazem sentir vivo num mundo cada vez mais "líquido". As pessoas de felicidade simples, no sentindo que fala Epicuro, me encantam e me fazem sempre renascer de minhas cinzas, como um abastecimento de forças. Por isso, nesse momento, não me importo muito com o sentido, pois o sentido sou eu, ele habita cada homem, mulher e criança que faz de um instante no mundo sua casa, seu lugar. O ribeirinho, artesão das águas densas e turvas da Amazônia-marajoara, encontra seu mundo na mesma sinuosidade que o rio flui, adaptando-se ao devir do tempo como estatuto



Figura 1: Crianças navegando pelo rio "Joaquim Antônio".
Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

de sua geograficidade: a paisagem como estética da existência ribeirinha, na qual se desvela por meio da poética (Figura 1).

O ribeirinho e o rio, o rio e o ribeirinho se confundem num projeto transcendental que não exige explicação, mas, talvez, uma interpretação desse mundo como ele vem ao encontro de seu próprio ser. A paisagem, portanto, um encontro poético, degustável e estético² entre a Terra e o Céu, o sagrado e o profano no qual convida ao corpo, que se manifesta e dança no espaço, como habitação e esclarecimento da linguagem existencial enquanto realidade geográfica; uma convergência entre espaços telúricos. Paisagem, linguagem sempre em transformação no qual a criança, pai de seu homem, toma consciência de sua existência e do fato de que poeticamente habita a Terra.

Estamos falando de uma estética que nasce entre o rio e a floresta, que em seu resguardo desvelador, já anuncia uma poética em ação. A estética, no sentido dado a esta pesquisa, emerge como "um instrumento metodológico, de amplo espectro, que estabelece caminhos fecundos à interpretação dos fenômenos culturais" (LOUREIRO, 2015, p. 76). E acrescentando, a estética, como plasticidade da existência, nos permite ser capaz de perceber a complexidade e as contradições do mundo vivido ribeirinho não a partir de uma análise sobre o cotidiano como mera rotina, mas este dia a dia como narrativa engajada política e existencialmente com o lugar – este entendido como habitar poético; de um mundo que poeticamente se realiza na abertura

² Para Dardel (2015), a paisagem possui uma função estética, no qual para o geógrafo, esta função da esteticidade para paisagem não se contenta somente como aquilo que a visão alcança, ao modo que a estética é o modo como as coisas aparecem em si mesmo, anunciando o princípio fenomenológico trabalhado por Heidegger (1988) como uma possibilidade de compreender a paisagem como totalidade do ser existente no mundo.

fenomenal da experiência do ser ribeirinho com a paisagem circundante.

O objetivo do artigo é refletir sobre uma possível fenomenologia da experiência geográfica ribeirinha, desvelada em sua relação visceral com a Terra. Nesse movimento reflexivo, anuncia-se a Geografia humanista-cultural enquanto perspectiva que nos permite visualizar a experiência ribeirinha como **fenômeno** geográfico e, inclusive, tendo como ícone de referência a experiência vivida como ponto de partida para nossas reflexões e problemas, como nos propõem Marandola Jr. (2005; 2005; 2012).

Para isso, o artigo se organiza em três movimentos: o primeiro diz respeito ao mundo vivido ou lugar em sua potencialidade ontológica do ser ribeirinho, desvelada entre o rio e a floresta como **signos** da Terra que compõem a paisagem. O segundo movimento, traz a ponte, a olaria e a casa como habitações-construções que se presentificam no resguardo memorístico entre-espços. Por fim, a conclusão, como terceiro movimento que não se pretende concluir, mas chamar à atenção a importância da experiência humana para o saber geográfico no âmbito dos estudos ambientais, educacionais e culturais.

ENTRE O RIO E A FLORESTA: O MUNDO VIVIDO DO SER RIBEIRINHO

O mundo vivido é o conjunto das realizações humanas, fundamentadas no espaço da experiência e sedimentado pelos sentimentos atribuídos aos lugares, pela ansiosidade dos jovens e a (pre)ocupação familiar dos mais velhos. Sentimentos esses compartilhados como fluxos de energia entre a natureza física e o ribeirinho. O mundo vivido é o amanhecer na rede; é dormir se embalando com a sonoridade do rio esbarrando na margem,



Figura 2: Jovem subindo no açazeiro para extração do fruto desejado.

Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

como se estivessem conversando; é a visagem que aparece para poucos, mas causa medo em muitos. “É, portanto, real o espaço efetivamente abarcado pelo olhar do homem, especializado pelo encontro atual com uma paisagem com que se depara e que se anuncia para ele” (DARDEL, 2015, p. 51). Ribeirinho, portanto, é um ser-paisagem (Figura 2).

O jovem confunde-se com a paisagem, com a floresta, com as palmeiras ao modo que esta se confunde com o jovem aventureiro. Ora, com base em Merleau-Ponty (1994), fazer parte de um **mundo** não seria **confundir-se** com ele? Os sujeitos se realizam no espaço vivido e é a paisagem como conjunto indissociável entre a comunidade e a natureza física que os une e os atualizam na Terra enquanto sujeitos no qual uma geografia emana como semblante de ser-no-mundo, ao modo que “o solo, não [é] aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 5). O solo é “ordenado e validado como presença, como extensão, como semblante do poder que o habita” (DARDEL, 2015, p. 52).

É entre o rio e a floresta que a vida ribeirinha se **anima** e ganha sentido. Sentido latente em direção ao mundo, em termos de significação existencial (SARTRE, 2014). Dentro da quadratura³, o ribeirinho resguarda sua essência

³ Trata-se da “quadratura” Heideggeriana.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

de ser, em sua habitação, nos afazeres, em sua ocupação desde muito jovem, desde a infância. E confesso que além desse **resguardo**, algo chamou minha atenção: o engajamento corporal. Engajamento porque exige uma certa, digamos, dedicação, que, naturalmente, acostuma o corpo enquanto corpo que se realiza entre rios e florestas: o engajamento corporal como performance coexistencial com a dinâmica da paisagem (Figura 3).

O saber ambiental da criança ribeirinha de como posicionar o instrumento de captura do camarão (matapí), por exemplo, está em desenvolvimento ao modo que observa e ouve os mais experientes (muitas vezes há reclamações por não fazer o trabalho “certo”). A criança sabe saborear os temperos de sua existência enquanto ribeirinho. É justamente isso que irá enriquecer este ser espacilizante enquanto habitante deste lugar. Observem também, a desenvoltura de seu corpo ao posicionar o matapí estrategicamente no igarapé. É a natureza exigindo, silenciosamente, em troca do camarão, uma dedicação sincera do corpo do jovem ribeirinho. É necessário saber ouvir as vozes do silêncio. Ao observar com o coração, a poética nasce como experiência/linguagem geográfica viva em sintonia pulsante com a Terra: a geopoética. O poeta? – A criança, seu matapí, no casquinho. Daí, a criança anuncia sua poesia telúrica:

Coloca o matapí cinco horas da tarde e tiro seis da manhã. Se ficar “inseco” não pega camarão, tem que ficar na água. O papai me ensinou. Ele ia pro mato e eu ia com ele. Quando ele ia pro mato eu ia com ele.⁴

Embora façamos leituras dos mais avançados e diversos livros sobre hidrografia, jamais saberemos – num sentido de autenticidade e vivência – de como colocar o matapí devidamente em seu local

⁴ Criança, 12 anos de idade. Conversa realizada no dia 13 de outubro de 2016.



Figura 3: Criança navegando nos igarapés próximo a sua casa para colocar o matapí (instrumento de captura do camarão).

Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

estratégico no igarapé, como o rapazinho, de 12 anos de idade, que nasceu, vive e saboreia o lugar o faz. Sua experiência guiada pela percepção e, sobretudo, ouvindo os mais velhos, é sua referência de aprendizagem: “Coloca o matapí cinco horas da tarde e tiro seis da manhã. **O papai me ensinou.** Ele ia pro mato e eu ia com ele”⁵. Existe, agora, uma relação entre o ser ribeirinho e a dinâmica da natureza física, com a Terra. Falamos, assim, de coexistências com os mais experientes e, naturalmente, com suas percepções e memórias:

O papai ia pro mato eu ia com ele, desde criança, com isso ele criava nove irmãos, dez irmãos! [se corrigindo]. De idade de doze anos comecei andar no mato, doze anos. Trabalhava com roça, açaí. Passei três meses em Macapá [isso com 18 anos de idade] para sobreviver né? Vim me embora de lá. Papai não queria. No tempo em que eu me criei era diferente, o serviço era a madeira e a seringa. Cortava no mato, nessas áreas aqui; cortava pra vender. Hoje não tá diferente, tá melhor pra viver, sai de manhã volta onze horas. Agora o que estraga é carestia que a gente paga pela mercadoria. Tu sabe, tu que vive na cidade, que o que faz subir o preço é o petróleo, por que a gente consome no óleo

⁵ Conversa realizada com uma criança, 12 anos de idade.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

[...] Quer dizer, que não é mais como naquele tempo, tempo do cara criar [porcos e outros animais] só mesmo para se manter. Olha quem viu, criava galinha e pato pra vender em Belém, agora quem leva? Ninguém. Nem tempo de círio o cara leva, por que já vem tudo de lá. Naquele tempo eu vendia com papai lá no Porto da Palha, lá era um porto, tô cansado de dizer. Eu conheci aquilo, com uns quinze anos de idade.⁶

A partir de sua memória⁷, Seo Ivan, pai do rapazinho de 12 anos, organiza sua existência e ao longo de sua formação vernacular estrutura seu espaço geográfico; uma temporalidade começa a emergir como sua “realidade-humana” (SARTRE, 2008). Deitado em sua rede, o Seo Ivan narra um pouco de sua história de vida, que muito tem a nos revelar de sua percepção e vivência enquanto ribeirinho. Podemos notar que sua familiaridade com a natureza vem desde a infância. É uma habilidade que exige inteligência, mas também é uma atitude de crença, ao modo que confia/confiava⁸ em seu pai como guia-orientador nas matas (floresta), anunciando a construção de sua “habilidade espacial” (TUAN, 2013), ao modo que “tempo e espaço são estruturados em torno da intencionalidade e da atividade” (TUAN, 2011, p. 9). A memória como resguardo da ação e dimensão humana identificadora das experiências.

6 Seo Ivan, nos concebe essa conversa, realizada no dia 13 de outubro de 2016.

7 Trata-se de uma temporalidade não-monolítica como nos apresenta Alessandro Portelli (1997) e Agenor S. Pacheco (2009), no movimento de consonância em perspectiva do cuidado heideggeriano, isto é, a memória em confluência com a existência, desvelada não como um acúmulo de fatos, mas em intensa transformação do movimento significativo. Entende-se, que a comunidade ribeirinha é a tradução geográfica de sua própria existência poética por meio do ato memorístico e, por isso “o presente não pode mais ser encarado simplesmente como uma ruptura ou um vínculo com o passado e o futuro” (BHABHA, 1998, p. 19), mas entendendo que o presente é, por essência, a polarização entre passado e futuro que se realiza no aqui e no agora, para quem e não para que (CLAVAL, 2002).

8 Seu pai já falecido, no ano passado.

Toda habilidade espacial, afirma Tuan (2013; 2011), exige do homem tempo para conquista desse espaço, abrindo margem para construção do lugar que por sua vez é “uma pausa no movimento”. A modalidade narrativa do Seo Ivan mostra um pouco de sua vida, que por sinal e curiosamente, se inicia ao se inserir, aos 12 anos de idade, no mundo do trabalho, na roça, apanhando o açaí⁹. Aos poucos vai revelando as atividades econômicas e como essas fizeram parte da construção daquilo que ele é hoje comparando com o presente, e com isso trazendo a mim um pouco de sua consciência política a respeito do preço do petróleo que direta ou indiretamente interfere em suas atividades cotidianas¹⁰. A narrativa do Seo Ivan nos traz as mudanças, e seleciona em sua memória o aspecto da “sobrevivência” familiar, da responsabilidade que carrega desde muito jovem, em seu corpo e espírito, entre rios e florestas.

A PONTE, A OLARIA E A CASA: O COTIDIANO COMO EXPERIÊNCIA GEOGRÁFICA

O cotidiano ribeirinho nos revela uma organização espacial em sintonia com a dinâmica da paisagem. O Tempo da comunidade não é o tempo do relógio. É o tempo ofertado pela natureza que os cerca: a paisagem afetando a carne e o sangue daqueles homens e mulheres que se dispõem cotidianamente, em sua totalidade existencial de ser-no-mundo. É no cotidiano que a vida ribeirinha se realiza, nos revelando dimensões da condição humana de ser ribeirinho: o trabalho – a extração do açaí, por exemplo, é um exercício árduo que exige grande habilidade, inteligência, fé e um condicionamento físico que supera os

9 Fruto típico na região amazônica no qual muitas famílias retiram seu sustento.

10 O petróleo deriva em vários subprodutos, tais como óleo e gasolina para manutenção das viagens dos barcos.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

próprios limites, a cada subida e descida das palmeiras. É nessa conversa silenciosa que o ser ribeirinho pensa, planeja, ordena seu espaço, constrói material e simbolicamente seu mundo a partir de uma determinada linguagem, que diz respeito ao seu modo de vida, ou melhor, seu modo de ser, uma geografia autêntica nasce dessa linguagem poética lugarizada (Figura 4).

A ponte, um caminhar já definido sem definição, abertura para o mundo. A ponte, parte do ritual de iniciação ao mundo ribeirinho, chama a criança e a apresenta ao rio como recurso essencial da vida, a existência. É na ponte onde acontecem os encontros, entre homem e mulher, boto e mulher, os amores, filhos das estrelas. É no anoitecer que a ponte torna-se de fato atravessia! Atravessia e conectadora entre dois mundos, o real e o surreal, o sensível e o imaginário. Despertar para o sonho. É no anoitecer, que o ribeirinho senta na ponte, pensa, planeja, e a ele(a) é permitido o direito de sonhar, de lançar-se para o mundo. Estamos, nesse momento, situando à experiência geográfica ribeirinha como dimensão essencial na estruturação do lugar enquanto **habitação poética** e sua relação com a paisagem. É um conjunto de atitudes e valores ambientais que nos desvelam parte da cultura ribeirinha a partir das relações intersubjetivas em *continuum* fluxo de energia com a dinâmica da paisagem, que muitas vezes transcende nossa mentalidade “urbanocêntrica”.



Figura 4: Crianças e jovens sentados a beira da ponte.

Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

A ponte. Um lugar de inspirações e devaneios, de sonhos. As conversas se realizam como forma essencial de um lugar-comum, daquilo que os habitantes deste lugar são; um lugar de encontros e desencontros entre amigos, familiares e amores. A ponte deixa ser meramente uma construção material e torna-se manifestação da estética da paisagem poetizada que repõe a essência na existência ribeirinha, sensibilidade geográfica vívida na cotidianidade. Uma travessia para além do rio, no rio; travessia na descoberta de novos espaços, portanto, novas aventuras. E já que para Dardel (2015) o geógrafo é aquele que se dispõe à Terra, não seria o ribeirinho um geógrafo? Afinal, sua habilidade espacial intrépida de aventurar-se entre rios e florestas não nos revelariam uma geografia autêntica de seu cotidiano? O cotidiano não como mero “dia a dia”, mas como uma atitude de sensibilidade, de fé que une o ribeirinho à Terra para o alcance de seus sonhos: “[...] eu queria te falar que eu tenho fé, sabia? Tenho fé que com esse trabalho, eu ainda vou conseguir formar minha filha”¹¹.

Estávamos voltando do “barro” quando, o Seo Bacú, morador da comunidade desde que nasceu, me revela seu querer, seu desejo, com os olhos

¹¹ Olhando-me profundamente nos olhos, com o rosto suado, de tanto trabalhar, o Seo Bacú, um dos moradores de “Joaquim Antônio”, me revela seu desejo de ver sua filha estudando, entrando numa Universidade. Tudo isso como fruto de seu trabalho com o barro, na olaria. Entrevista concebida no dia 22 de setembro de 2017.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

quase em lágrimas. Um homem muito esforçado – e não é atoa ser considerado um Mestre do barro pela comunidade – em suas tarefas diárias que, inclusive, fazia questão que o acompanhasse, que o filmasse! Mas isso não se deve ao fato que o Seo Bacú, com seus 38 anos de idade e desde os 12 anos trabalhando nas olarias, desejasse a fama plena, embora, muitas vezes, brincasse com as filmagens realizadas em campo, desejando aparecer no programa da Ana Maria Braga. O que deve ser entendido em meios às brincadeiras, é a seriedade que a realidade ribeirinha traz consigo. Na verdade, é o sentido de existência apresentada por meio das experiências vividas desses homens, Mestres do barro, das florestas, dos rios... O Seo Bacú, por várias vezes, junto com seu irmão Aguinaldo, mais conhecido como Piranha, desejavam que com essas filmagens e entrevistas, “alguém de fora”, algum político, de repente, olhasse para a realidade ribeirinha com mais sensibilidade, pois esta realidade não é fácil, por isso é um ato de fé constante:

O que a gente queria mesmo é que os políticos né? esses “grandão”, olhassem para nossa comunidade. Aqui o cara tem que se virar com que tem! Não só nossa comunidade, mas todas né? porque todos precisam de ajuda e como tu já viu, a vida aqui não é fácil. Trabalhar no barro não é fácil. A costa do cara fica tudo doída. Chega à noite tem que fazer massagem. Por isso seria bom “alguém” de fora olhar pra gente com respeito né?¹²

A percepção do Seo Bacú, fortemente direcionada à ausência de políticas públicas de fato, chama nossa atenção

¹² Seo Bacú. Entrevista realizada no dia 22 de setembro de 2017.



Figura 5: Homens retirando a madeira do batelão para queima do barro (tijolo).
Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

ao amor que estes sujeitos possuem por sua Terra ao modo que, segundo Dona Timar¹³, “o ribeirinho só quer trabalhar, mas é preciso ter as condições para isso. Tendo isso, não tem porque a gente ficar pedindo pra prefeitura”. Ou seja, o mínimo que deveria ter não existe de forma gratuita, é conquistado com o suor da população, pés e mãos calejados cotidianamente. Por isso não se nasce ribeirinho, torna-se! Entre todos esses aperreios de ser ribeirinho podemos citar os problemas sociais correlacionados ao trabalho, a saúde, a escolarização das crianças e jovens, a falta de uma liderança social e etc. que prejudicam, evidentemente, o bem estar social da comunidade. Desde os 12 anos de idade, o Seo Bacú e o Seu Piranha, este desde os 14 anos, se dispuseram a trabalhar nas olarias, no mato, no barro, justamente porque seu pai fora falecido precocemente. A única forma de sobrevivência desses jovens e de sua família era o trabalho nas olarias (Figura 5).

A olaria, lugar onde se fabricam os tijolos, mas também sonhos, são espaços de experiências onde boa parte das famílias da comunidade retiram seu sustento. No entanto, não é qualquer homem ou mulher que pode trabalhar nesses espaços. Há um processo seletivo, complexo, executado e fiscalizado

¹³ Uma das fundadoras da comunidade, 68 anos de idade.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

pela natureza física em conjunto com as pessoas mais experientes. É necessário ganhar o respeito para tais funções. O respeito tanto da natureza quanto das pessoas, como nos ensina Robson, morador da comunidade há mais de trinta anos. Os homens que trabalham nas olarias não exercem funções somente na olaria. Estes, corajosamente, aventuram-se nas matas para retirada do barro, colocá-lo no batelão e depois retirá-lo para terra. Além de cortar a lenha e preparar o forno (para o endurecimento do tijolo). Este trabalho iniciado ao cantar do galo, encerra-se somente na última gota de óleo no motor, geralmente às cinco horas da tarde.

Durante todos esses anos, hoje o Seo Bacú com 38 e o Seu Piranha com 36 anos de idade, aprenderam a arte de ser ribeirinho, entre choros e risos. Eu digo risos porque durante a retirada do barro muitas piadas são contadas, piadas para todos os gostos – talvez estas contadas, ou melhor, as histórias¹⁴ cômicas sejam formas de amenizar o árduo trabalho no barro. E por outro lado, eu digo choro porque extrair o barro não é uma tarefa para preguiçoso, como eles mesmos dizem. Cada “bola” de barro pesa em média 50 kg. Em cada batelão, barco onde se transportam o barro, comporta mais ou menos 200 bolas de barro. Em média, o Seo Bacú e seu irmão Piranha, carregam 10.000 kg de barro por dia, de segunda a sexta. Mas eles se revezavam para reduzir as dores nas costas, portanto, cada um carregando por dia 5.000 kg de barro – “Haja costa!”, dizia o Seo Bacú. Ainda assim, é deste árduo trabalho, quase que sacrificante, que o sonho de ver as filhas formadas ecoa n’alma desses sujeitos e se torna a vontade de potência necessária para acordar todos os dias antes do sol e do galo cantar. Uma atitude de fé.

¹⁴Pois é no trabalho e, neste caso, na retirada do barro, que ficamos sabendo das “últimas” notícias da comunidade, das histórias que só são permitidas de se ouvir/saber estando junto nesses espaços.

Transcendentes dos princípios da casualidade e da elaboração cientificista do mundo, o ribeirinho projeta sua existência no cambiante movimento articulador com a paisagem, aliando naturalmente estética, pensamento e existência com sua fé, por dias melhores. A paisagem que o liberta e ao mesmo tempo o lança ao encontro de si, afinal, como diria Jean-Marc Besse “é através da paisagem que o homem [e a mulher] toma consciência do fato de que habita a Terra” (BESSE, 2011, p. 119). A paisagem envolve o ribeirinho e o convida aos segredos dos enigmas permitidos somente para quem os vive com o corpo e sangue. A paisagem “está no ser”, emprestando a compreensão de Dardel (2015). E por ela estar no ser, a paisagem o atravessa e dita, sem determinar, o ritmo de vida do ribeirinho, sua performance corporal em seu espaço geográfico. É nessa conjuntura que a paisagem como abertura do ser ribeirinho se manifesta como habitação poética em sua função estética.

O habitar poético é entendido enquanto linguagem geográfica que se **anima** dentro de uma conjuntura de emoções encarnadas no espaço e no tempo vivido/sentido pelo corpo, o ser-aí ribeirinho. Todo habitar chama um ato: o construir, afinal, segundo Heidegger, “parece que só é possível habitar o que se constrói” (HEIDEGGER, 2006, p. 125). Esta máxima é importante à compreensão da casa como dimensão ontológica do ser geográfico ribeirinho. Porém, não é somente no sentido material em si que as coisas se constituem na vida ribeirinha, mas na conjuntura simbólica de onde se origina a materialidade construída em termos de significação. A casa, um lugar das primeiras relações do ser com o mundo, como nos lembra Bachelard (1978), é uma construção material, concreta no espaço, no entanto, é também o primeiro espaço de socialização com o mundo e entendimento no qual se pertence a um lugar (Figura 6).



Figura 6: Crianças na porta de sua casa.

Fonte: SILVA, F. K. R., 2017.

Como **abertura** para o poético, a casa envolve o ser ribeirinho e, ao mesmo tempo, o concebe para o mundo. Como nos ensina Bachelard (1978), é na casa que surgem os primeiros sinais da gestação do ser. Fresta para o mundo, que liberta o ribeirinho ao direito de sonhar; explosão e calmaria, ambiguidade da existência, a casa se manifesta como habitação-construção; poética em ação como devaneio espacialmente vivido com o corpo. A criança habita sua casa, ao mesmo tempo em que a constrói em seu poetar-pensante. A paisagem dá os primeiros sinais como habitação poética. A casa reluz uma linguagem própria que muito tem a dizer da relação do ribeirinho com a dinâmica da paisagem. Assim como o artista em sua obra de arte não distingue a cor azul da amarela – isso porque é a mistura das cores que dão origem a algo inesperado e caracteriza o artista como ser criativo – não é possível compreender a vida ribeirinha sem a incorporação de seus aposentos. A casa mistura-se com o rio, com a ponte, é extensão da natureza; a casa do ribeirinho, portanto, é uma mistura de cores. Não é possível desvincular o modo de ser ribeirinho de sua casa, pois ele é o artista e, como tal, só se reconhece em sua arte, “habitando poeticamente” (HÖLDERLIN, 1994).

A casa, como habitação, portanto como lugar primeiro onde a vida ribeirinha se realiza geograficamente, dá sentido a paisagem, isso porque, como afirma

Relph (1970, p. 30), “o espírito de um lugar reside na sua paisagem”¹⁵. Habitação típica da região, no qual a mesma é condição do ambiente. Significa dizer que “o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal [...] a natureza geográfica o lança a si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos” (DARDEL, 2015, p. 9). Este é um lugar que compõe a paisagem de “Joaquim Antônio”, sendo a ponte, o rio, a casa espaços de memórias, de encontros, choros e risos. A casa como lugar do ser-no-mundo, espaço telúrico. Só então, depois de se situar no mundo por meio de sua casa, o ser ribeirinho exterioriza sua existência ao chamado da Terra, inaugurando sua linguagem poética na travessia da ponte rumo ao rio, sentida como ato perceptivo, saboreada com o corpo andante.

CONCLUSÃO OU ÀQUILO QUE DÁ INÍCIO À SUA ESSÊNCIA

Como pensar a experiência ribeirinha como ícone referencial para construção de uma pesquisa acadêmica? Existe uma geografia ribeirinha que emana e reclama seu reconhecimento enquanto modo de ser e estar no mundo? Perguntas essas que me guiaram, em certa medida, para elaboração da dissertação de mestrado intitulada “Memória, Percepção e Experiência: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará)”¹⁶ (SILVA, 2017), cuja sua síntese apresento neste momento em formato de artigo, no

¹⁵ Tradução livre de: “the spirit of a place resides in its landscape”.

¹⁶ Defendida pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Unidade Federal do Pará (PPGEO/UFGPA).

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

qual, dediquei-me intensamente à pesquisa de campo, assim como nos propõe Geertz (2008), com o objetivo de apreender o sentido de ser ribeirinho. No entanto, creio, que seja mais justo admitir que não consegui alcançar tal objetivo, ao modo que o sentido pertence somente a quem, desde a infância, aprendeu o sentido do sentido de habitar tal lugar. Não seria honesto de minha parte admitir que conseguir tal feito.

Nesse sentido, o presente artigo e a dissertação já citada, não deixam de ser um relato de experiências, e tratam de trazer ao leitor um mundo que se realiza entre rios e florestas, na regência das águas amazônicas-marajoara¹⁷. Não se trata de romantizar uma realidade, mas de possibilitar aos estudos geográficos um caráter de sensibilidade com os lugares. Por este motivo, detive-me em relatar um pouco do cotidiano ribeirinho a partir da estética da paisagem circundante em sua poeticidade. Se me perguntarem se a vida ribeirinha é fácil, quase uma utopia platônica, eu direi, evidentemente, não! Afinal, as comunidades ribeirinhas do município de Muaná apresentam péssimas condições de saneamento básico, saúde e educação, por exemplo, apresentando contradições latentes. No entanto, gostaria de deixar este relato das contradições ribeirinhas para um outro momento, ao modo que acredito ser fundamental nos termos, neste instante, nas relações em comunidade e a geograficidade ribeirinha como força de sensibilidade-mundo enquanto abertura aos estudos geográficos, contextualizados no âmbito das discussões ambientais, educacionais e culturais.

¹⁷ A união das palavras amazônica e marajoara diz respeito ao modo como se compreende a vida ribeirinha e, inclusive, a dinâmica geomorfológica e hidrológica desta parte da Amazônia, assumindo, portanto, uma não separação em termos de compreensão holística entre Amazônia e o arquipélago do Marajó, sendo a maior rede flúvio-marinho do mundo.

Desse modo, o artigo é fruto de inquietações e angústias, e não se trata de uma antropologia superficial, embora não se negue a importância antropológica. Não se trata de uma filosofia a martelada, embora não negue o caráter filosófico nesta/desta pesquisa. Tão pouco se trata de concluir um conceito de cultura para geografia, pois este é um problema que nem mesmo os antropólogos resolveram, talvez por bom senso. Trata-se, portanto e, sobretudo, de uma geografia que transcende os cumes acadêmicos na realização de sua própria constituição ontológica que, segundo Dardel (2015), encontra-se na geograficidade, no amor que homens, mulheres e crianças cativam e são cativados sobre a Terra. Sabor, estética e poesia, portanto, tornam-se as dimensões humanas mediadoras desta reflexão que nasce das próprias experiências dos habitantes de uma comunidade ribeirinha no Marajó em fricção com as minhas enquanto pesquisador, regenciadas pelos mistérios das águas marajoaras. Segundo Portelli (1997), este encontro de diferentes mundos deve ser tratado como um encontro possibilitador para pulsantes reflexões acerca do outro e sua importância da/na/para constituição-mundo, chamando atenção tanto para o respeito em campo quanto no cuidado com a escrita, como também nos ensina Geertz (2008).

Sem sentido de sistematização como exige a ciência moderna ocidental e academicista, pois o sentido estar em que habita, a **origem** remete à essência, ou seja, o sentimento de topofilia que o ribeirinho mantém em sua relação com a paisagem circundante é a essência de sua geografia – a geograficidade ou poeticidade ribeirinha – alertando para uma dinâmica própria, ou melhor, uma linguagem singular, que brota como poética do habitar, sempre exige dos meios, infinitas possibilidades de existência ao modo que memória e imaginação, o real e surreal, numa perspectiva Bachelardiana, coexistem profundamente

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

como devaneio poético, pois estão interconectados, coexistem e fazem partes das narrativas de vida dessas pessoas que somam sua existência à regência do rio.

“Assim como o rio turvo, que deságua no imenso oceano”, parafraseando Nietzsche (2010), o ribeirinho, à luz de sua cultura, espacializa-se poeticamente de forma telúrica-devaneante, entre o céu/terra, deuses/mortais, rio/floresta, interconectando-se para o projeto das possibilidades. Lançado ao futuro, mas sempre no resguardo memorístico, o ribeirinho encontra-se no mergulho central de sua epistemologia no/do aqui (espaço) e no/do agora (tempo), em sua geografia autêntica. A paisagem ribeirinha começa a ter voz, sabor, cheiro, é tátil, entretanto, somente sentido por aqueles que sabem saborear cada tempero; àqueles que se dispõem a entender que o essencial transcende a estrutura ocular.

O ribeirinho desvela a essência de seu mundo na “aparência”¹⁸, teoricamente convergente ao que Sartre (2014) entende sobre essa palavra. No entanto, o ribeirinho não se contenta no aparente. Ele mergulha naturalmente no ato devaneante da vivência em sua poética de ação, dando sentido ao seu espaço culturalmente elaborado como projeto de ser-e-estar-no-mundo, ao modo que “ultrapassar essa aparência importa vivenciar o lugar. Daí, o projeto. Mas, o projeto como vontade de realização que depende da ação. O cotidiano real da

¹⁸O sentido de aparência recorre à significação Sartreana, no qual, em síntese, refere-se ao modo como conduzimos nossa existência dentro de uma dualidade inseparável: aparência-essência ou, como prefere Merleau-Ponty (1994), visível-invisível. Em outras palavras, compreender a existência ribeirinha dentre desta perspectiva fenomenológica é ressaltar a vida corrente a partir da cotidianidade, não como mero receptor do dia-a-dia como algo que se repete enquanto cotidiano, mas o cotidiano como possibilidade corrente que lança o ser ribeirinho para um ser-sendo-constante-no-mundo, sempre em transformações no contato com outros entes no mundo e com outros espaços geográficos. Para melhor explanação deste assunto, ver Silva (2017).

imagem depende, pois, do ato. Do vivenciar” (SILVA, 2009, p. 15). O ribeirinho, artesão das várzeas amazônicas, cosmogônico de criação, se realiza na ação e no ato do poético que o liga ao sagrado, em sua filiação sincera com a Terra no qual reconheço como **a geopoética do habitar ribeirinho** (SILVA, 2017). Nesse ritmo, convido ao leitor atento a mergulhar neste mundo, um mundo no qual a morfologia do rio atravessa o sentido ontológico de habitar a várzea; onde os apelidos são tratados com respeito como se fossem os próprios nomes. ☉

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A poética do espaço. In: **A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço**. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Trad. Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BESSE, J-M. Geografia e existência a partir da obra de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BHABHA, H. K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CLAVAL, P. “A volta do cultural” na Geografia. **Mercator**, v. 1, n. 1, 2002.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em geografia. **Boletim de Geografia Teórica**. São Paulo, v. 10, n. 19, 1980.
- FRANCK, D. **Heidegger e o problema do espaço**. Trad. João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Sabor, estética e poesia: o habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (PA)

Felipe Kevin Ramos da Silva

HÖLDERLIN, F. **Reflexões**. Trad. Márcia de Sá Cavalcante e Antônio Abranches. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 2ª Ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. In: HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 125-141.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MARANDOLA JR., E. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. **Terra Livre**, v. 2, n. 25, p. 67-79, 2005.

MARANDOLA JR., E.. Da existência e da experiência: origens de um pensar e de um fazer. **Caderno de geografia**, v. 15, n. 24, p. 49-67, 1º sem. 2005.

MARANDOLA JR., E. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, p. 42-52, 2012.

MOREIRA, E. **Amazônia** – o conceito e a paisagem. Belém: SPVEA, 1990.

NIETZSCHE, F. **Vontade de Potência**. Trad. Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo: Editora Escala, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 15, 1997.

PACHECO, A. S. **En el Corazón de la Amazonía**: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras. Tese (Doutorado em História Social) PUC-SP, 2009.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. **The Canadian Geographer/Le Géographe canadien**, v. 14, n. 3, p. 193-201, 1970.

SARTRE, J.-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SARTRE, J.-P. **O existencialismo é um humanismo**. Trad. João Batista Kreuch. 3 Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SILVA, A. C. da. A aparência, o Ser e a forma – geografia e método. **GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 7-25, 2009.

SILVA, F. K. R. **Memória, Percepção & Experiência**: a geopoética do habitar ribeirinho na Amazônia-Marajoara (Pará). Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

Sumetido em Dezembro de 2017.

Revisado em Fevereiro de 2018.

Aceito em Fevereiro de 2018.